



A HISTÓRIA NÃO ACABOU

Trinta anos depois, Lei de Anistia vai a julgamento

A derradeira obra do poeta Mario Quintana

"Velório sem Defunto" ganha nova edição.
Por **Rodolfo Guttilla**, para o **Valor**, de São Paulo

"Velório sem Defunto"

Mario Quintana
Editora Globo
184 págs., R\$ 30,00 **AA+**



Em um tempo em que a "boa poesia" deveria ser pomposa, solene e grave, a poesia de Mario Quintana se destacou pela simplicidade:

seguindo as picadas abertas por Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, Quintana cantou e celebrou, ao longo de mais de seis décadas de atividade poética, objetos e personagens mezinhos como o passarinho, a senhora gorda, o cigarro, a lata de sardinha, a cozinha preta e o defunto.

O poeta começou a publicar nos anos 1920, na imprensa gaúcha, reunindo seus poemas em livro a partir de 1940, com o lançamento de "A Rua dos Cataventos". Desde então, sua poesia singular marcou a cena literária do país. Reconhecido e aclamado por poetas de grosso calibre como Vinícius de Moraes e Murilo Mendes, além de Bandeira e Drummond, Quintana foi solenemente ignorado, por décadas, pela crítica, que o estigmatizou, por ignorância ou preconceito (certamente por ambos), como poeta "regional", no sentido redutor do termo — a exemplo do monumental e caudaloso Érico Veríssimo, seu contemporâneo.

Em comentário à edição de 2006 de "A Cor do Invisível", o poeta Fabrício Carpinejar nota que Quintana foi

regional não por limitação, mas por opção: "O regionalismo e a vida interiorana fomentam o material [de sua obra]. A língua alça o patamar de temperamento de um lugar, muito além de constituir um fundo temático".

Quintana concebeu sua obra com os pés fincados em Porto Alegre, locus para onde convergem — e, no mais das vezes, se explicam — todas as experiências humanas. Dessa raiz, profundamente radicada, brotou uma interpretação terna e irônica da vida, por meio de versos em geral curtos, bem ao gosto popular. E por histórias sempre surpreendentes, ainda que extraídas do dia a dia, graças à força de sua dicção e das imagens que concebe.

Em 1990, Quintana publicou "Velório sem Defunto", livro derradeiro. Relançado agora, o volume integra a nova edição de suas obras completas. Como em trabalhos anteriores, o poeta abdica de recursos tradicionais, como a metrficação e a rima, em benefício de maior oralidade e coloquialismo do texto poético. Prosa poética, como se constata no poema que segue, "Diplomacia", de "Velório sem Defunto": "Nunca perguntes que horas são perto de um defunto/ (as almas não entendem essas coisas...)/ E perto de um crocodilo — cuidado! — / Jamais te refiras a bolsas e sapatos de senhora: eles são muito suscetíveis..."

Rodolfo Witzig Guttilla, jornalista, antropólogo e poeta, é autor de "Uns & Outros Poemas" e "A Casa do Santo & o Santo de Casa" (Landy), entre outros



Quintana: interpretação terna e irônica da vida, por meio de versos em geral curtos

Poemas para 'eternizar o momento'

A busca pelo verso despojado e simples, despido de adornos e efeitos surpreendentes ou mirabolantes, pode ter levado Mario Quintana a investigar a ética e a estética do haicai. Segundo Tânia Franco Carvalhal, especialista em sua obra, a presença da poesia oriental marcou sua poesis. Quintana foi um dos principais divulgadores do haicai no Brasil, presentes em sua obra desde "Sapato Florido", de 1948, com "Hai-Kai da Cozinha": "A cozinha preta/ Preta e gorda/ Com seu fresco sorriso de lua".

Com esse pequeno poema, Quintana revelou mais sobre a história do Brasil e da organização social de nosso povo que muitos e volumosos estudos inspirados por teorias consagradas e consagradoras que se puseram, no século passado, a interpretar a situação do negro na ordem social brasileira.

O haicai reapareceu na obra de Quintana 25 anos depois, por meio do único terceto publicado em "Caderno

H" (1973) — incluído mais tarde em "A Cor do Invisível" (1989) —, de espírito simbolista, sem o viço e a força imagética do poeminha inaugural: "O poema/ essa estranha máscara/ mais verdadeira do que a própria face..."

Pode-se especular que Quintana aproveitou esse longuíssimo hiato (intercalado por 111 quadras de "Espelho Mágico", de 1951) para calibrar sua mira. Em "Apontamentos de História Sobrenatural" (1976), o poeta retornou ao haicai, afiadíssimo, assumindo o verso livre com apurado senso de humor.

Em (deliciosa) entrevista concedida à poeta Alice Ruiz no apartamento 301 do Porto Alegre Residence (hotel onde passou seus últimos anos), em 1990, Quintana contou que fez "um mundo" de poesias curtas: "Fazia três linhas e chamava de haicai, mas nunca liguei para as 17 sílabas. A poesia e a fotografia têm uma coisa em comum: eternizar o momento que passa". (RG)